

Autora de Temporada de Furacões

FERNANDA MELCHOR



PARADAISE

ELSINORE

Para Luis Jorge Boone
Para Darío Zalapa

*¿Qué va a pasar? No pasará nada.
Es imposible que algo suceda.
¿Qué haré? [...] Enamorarse
sabiendo que todo está perdido y
no hay ninguna esperanza.*

*José Emilio Pacheco
Las batallas en el desierto*

I hear those sirens scream my name.

*David Lynch
Up in flames*

A culpa foi toda do gordo, era isso que lhes ia dizer. A culpa foi toda de Franco Andrade e da sua obsessão pela senhora Marián. Polo não fez mais que obedecer-lhe, seguir as ordens que lhe dava. O gordo estava completamente louco por aquela mulher, e Polo fora o primeiro a saber que o puto andava há semanas sem falar de outra coisa que não fosse fodê-la, torná-la sua fosse lá como fosse; a mesma cantilena de sempre, como um disco riscado, com o olhar perdido e os olhos avermelhados pelo álcool e os dedos besuntados de queijo em pó que o grande javardo só limpava com lambidelas depois de ter acabado todo o saco de aperitivos tamanho familiar. Vou comê-la assim, balbuciava ele, depois de parar cambaleante na margem do cais; vou fodê-la assim e depois vou pô-la de quatro e vou comê-la toda, e limpava a baba com as costas da mão e sorria de orelha a orelha com aqueles dentes grandalhões que tinha, brancos e direitinhos que nem um anúncio de pasta dentífrica, cerrados com raiva enquanto o seu corpo gelatinoso estremecia numa grosseira pantomima do coito, e Polo afastava o olhar e ria-se sem vontade e aproveitava a distração

do gordo para lhe sacar a garrafa, acender outro cigarro e soprar o fumo com força para o alto, para repelir os mosquitos bravios do mangal. *Aquilo era só o gordo a gozar*, pensava Polo; só fanfarronice e mais nada; só a dizer parvoíces com o calor da bebida, ou pelo menos era o que ele tinha pensado a princípio, durante as primeiras pielas que apanharam no cais, na parte mais escura do pequeno embarcadouro de madeira que seguia paralelo ao rio, precisamente onde as luzes do terraço não chegavam e as sombras dos ramos da figueira-brava os protegiam dos olhares do guarda-noturno e dos habitantes do condomínio, especialmente dos avós de Franco, os quais, segundo ele, teriam uma embolia se chegassem a apanhar o *menino* a consumir bebidas alcoólicas e a fumar cigarros e só Deus sabe que outras porcarias, e, o pior de tudo, na companhia de um membro do *serviço*, como dizia o imbecil do Urquiza, para se referir aos funcionários do condomínio: nada mais nada menos que o jardineiro do condomínio de luxo; um escândalo enorme, um total abuso de confiança que iria custar o emprego a Polo, coisa com que na realidade ele não se ralava muito, pois felizmente iria largar aquela maldita urbanização para nunca mais voltar; a chatice era que mais tarde ou mais cedo teria de voltar para casa e prestar contas à mãe, e embora essa perspetiva lhe parecesse detestável — para não dizer francamente pavorosa —, Polo era incapaz de se conter. Não conseguia dizer que não ao bucha quando este lhe fazia sinais da janela; não queria deixar de apanhar umas bubas no cais mesmo que o puto idiota o lixasse, mesmo já estando farto das mesmas baboseiras de sempre e da sua eterna obsessão pela vizinha, por quem o gordo se tinha apaixonado irremediavelmente à primeira vista naquela tarde de finais de maio quando os Maroño chegaram

ao condomínio de luxo Paradise para receber oficialmente as chaves do seu novo lar, a bordo de uma *Grand Cherokee* branca, com a própria senhora Marián ao volante.

Polo lembrava-se bem desse dia; achou graça ver a mulher a conduzir e o marido relegado para o lugar do copiloto, quando a janela desceu com um zumbido e um vapor de ar gélido lhe bateu no rosto suado. A mulher usava uns óculos escuros que escondiam completamente os seus olhos e em cuja superfície Polo podia ver-se refletido, enquanto ela lhe explicava quem eram e o que ali faziam, com a sua boca pintada de um vermelho chocante, os braços nus cobertos de pulseiras prateadas que tilintaram que nem espanta-espíritos quando Polo finalmente ergueu a barreira de acesso e ela agitou a mão para lhe agradecer. Uma mulher como tantas outras, *vulgar*, ele nunca ficara impressionado. Igualzinha às outras senhoras que viviam nas vivendas brancas de telhas falsas do condomínio: sempre de óculos escuros, sempre frescas e exuberantes por trás dos vidros polarizados das suas enormes carrinhas, com os cabelos alisados e pintados, as unhas impecavelmente arrançadas, mas nada do outro mundo quando as víamos de perto; nada que nos deixasse loucos, caramba, como o raio do gordo. A sério que não era para tanto. De certeza que a iriam conhecer pelas fotos; o marido era famoso, tinha um programa na televisão, apareciam de vez em quando os quatro nas páginas de sociedade dos jornais: ele, careca e baixinho, sempre vestido com casaco e camisa de manga comprida apesar do maldito calor, os dois putos todos compostinhos e ela, a monopolizar a atenção com os seus lábios encarnados e aqueles olhos cintilantes que pareciam rir para nós em silêncio, ao mesmo tempo travessos e malévolos, as sobranceiras arqueadas numa

expressão de cumplicidade coquete, mais alta nos seus saltos altos do que o marido, a mão na cintura, o cabelo solto até aos ombros e o pescoço adornado com voltas de colares vistosos. Era esta a palavra que a descrevia melhor: mais do que bonita, era vistosa, atraente, como que feita só para ter os olhos cravados nela, com as suas curvas esculpidas no ginásio e as pernas à mostra até meio da coxa, em saias de seda crua ou *shorts* de linho pálido que contrastavam com o fulgor amorenado da sua pele sempre bronzeada. Um rabo decente, por assim dizer; um rabo bastante aceitável que ainda conseguia disfarçar com êxito a quilometragem, as rugas e os estragos causados pelos dois filhos paridos — o mais velho era já um rapazinho — com cremes e trapos luxuosos e aquela ginga metronómica, absolutamente controlada, com que a mulher caminhava para todo o lado, de saltos altos ou de sandálias ou descalça sobre a relva, e que fazia meio condomínio virar-se para a ver quando passava. Precisamente como ela queria, não era? Que olhassem para ela com desejo e luxúria, que lhe dedicassem pensamentos porcos à sua passagem. Via-se que ela adorava aquilo, e o careca do marido também; sempre que Polo os via juntos, o tipo estava sempre com uma mão em cima dela: ora a agarrá-la pela cintura, ora a dar-lhe palmadinhas no fundo das costas, ora a apalpar-lhe uma nádega com o orgulho de quem marca território e tem vaidade no seu material, enquanto ela só sorria, feliz da vida por ser admirada, e era por isso que Polo resistia sempre à vontade de a ver e se obrigava a dominar a tensão instintiva que sentia no pescoço, o impulso quase maquinal que lhe exigia girar a cabeça para seguir a trajetória daquelas nádegas bamboleantes a passear alegres e exuberantes pelas ruas do condomínio, em princípio porque não queria que ninguém

— nem a mulher, nem o marido, nem os filhos, ou o estúpido do Urquiza, e sobretudo ela, o raio da gaja — o apanhasse a contemplá-la, a desejá-la com os olhos semicerrados, a boca aberta com um fio de baba a escorrer, como o tarado do gordo quando olhavam para ela de longe. Era muito *óbvio* que ele estava louco por ela; nem sequer conseguia disfarçar, até Polo tinha reparado e, naquela altura, ao princípio, quando os Maroño se instalaram na casa número sete em finais de maio, Polo ainda não se dava com Franco Andrade; a festa do mimado do Micky ainda não tinha sido anunciada e nenhum dos dois tinha trocado nem meia frase. Mas é que era realmente impossível não ver o gordo quando o topávamos a vaguear, sempre ocioso e solitário, pelas ruas empedradas de Paradise, com a sua pança enorme e o seu rosto rubicundo cheio de borbulhas purulentas e aqueles caracóis louros que lhe davam um ar ridículo de querubim sobrealimentado; uma massa compacta de rapaz cujos olhos inexpressivos só ganhavam vida quando tinham a senhora Maroño à sua frente, a qual não parava de perseguir desde a mudança. Era preciso ser cego ou mesmo idiota para não reparar nas tentativas desesperadas daquele javardo infeliz para estar perto dela, pois de cada vez que a vizinha saía para o jardim da frente para brincar com os filhos, vestida apenas com uns calções de licra e um *soutien* desportivo que acabavam *colados* à pele por causa da água da mangueira que disputava com os miúdos, no meio de risos, o chavalo anafado saía a *correr* da sua casa a fingir que lavava o carro dos avós, tarefa que verdadeiramente detestava, mas que agora fazia sem que os velhos tivessem de lho ordenar aos gritos como antes, ou ameaçar tirar-lhe o computador ou o telemóvel. E que grande casualidade também que cada vez que

a senhora descia até ao terraço para apanhar sol em fato de banho, aquele rapaz balofo aparecia no mesmo lugar três minutos mais tarde, metido nuns calções de banho que mal se viam e uma *t-shirt* do tamanho de uma tenda, com a qual pretendia cobrir aquela massa de banha descaída que era a sua barriga, e óculos escuros para dissimular o olhar obsessivamente cravado nas carnes besuntadas com bronzeador da mulher, recostada a duas espreguiçadeiras de distância, totalmente alheia aos suspiros lúbricos do javardo e às tentativas desajeitadas com que o trapalhão tentava ajeitar o chouriço teso para que não se notasse. Mas o mais patético de tudo eram as suas tentativas reiteradas de se tornar amigo dos dois rebentos da senhora, o esganiçado André e o chorão mimado do Miguel, mais conhecidos como *Andy* e *Micky* entre os vizinhos do condomínio num absurdo desplante de piroscice promovido pelos Maroño, sabe Deus por que motivo, se de gringos não tinham nada, só vontade de fazer figura, e mais risível o gordo ficava a chamar por eles aos gritos no meio dos jogos no parque, a resfolegar que nem um búfalo atrás da bola com que Andy o fintava, rasteiro e servil perante os caprichos de Micky, apenas para obter o direito de ser convidado para lanchar em casa dos vizinhos e poder assim gozar, nem que fosse por breves instantes, da presença da mulher dos seus sonhos, rainha e protagonista das suas fantasias sexuais mais porcas, a dona da torrente viscosa que o grande graxista espremia todas as noites sem falta, às vezes já mesmo a altas horas, pensando nela e nos seus lábios sensuais, no seu rabo redondo, nas suas mamas frondosas, incapaz de dormir pela ânsia que aquela mulher lhe causava, pelo ardor que o tinha invadido desde aquela primeira vez em que a viu sair da sua carrinha

branca, pela efervescência que lhe fazia lembrar o borbulhar do champanhe com que os seus avós celebravam o Ano Novo e que ele sorvia às escondidas quando os velhos se distraíam; uma vertigem que na ausência dela se convertia em angústia e vazio, uma falha tectónica que se abria de repente na sua alma, todas as tardes, quando tinha de sair da casa dos vizinhos porque o senhor Maroño chegava do trabalho e os meninos tinham de ir tomar banho e acabar as suas tarefas e a senhora Marián lhe pedia, com a sua voz mais doce e cálida, que por favor se fosse embora, que já era tarde e de certeza que os seus avoziños se interrogariam onde é que ele estava, e lhe dava uma palmada brincalhona na costas e o acompanhava até à porta de entrada com um sorriso, e o gordo não tinha outro remédio senão voltar para casa, com o rabo entre as pernas e o cheiro da senhora — segundo ele, uma mistura de *Carolina Herrera*, cigarros de mentol e um ligeiro vestígio acidulado das gotas de suor presas ao seu decote — ainda a rondar-lhe o nariz, a tentar inutilmente encher aquele vazio crescente com programas de telerrealidade e caricaturas grosseiras que os seus avós desaprovavam, e pilhas de bolachas e bolinhos industriais e enormes taças de cereais empapados em leite, para depois fugir pelas escadas acima e fechar-se no seu quarto climatizado, a dar peidos e a ver pornografia no novo computador portátil que os velhos lhe ofereceram no seu último aniversário e cuja memória estava quase saturada de vídeos lúbricos que Franco descarregava de fóruns e páginas seleccionadas, imagens de mamas e rachas e cus que naquela altura já começavam a chateá-lo, mas que ele via na mesma, durante horas seguidas, só por hábito. O que é que podia fazer mais para acalmar aquele ardor que o queimava por dentro, desesperante?

Porque algo estranho se passava com o gordo infecto desde a chegada da senhora Marián à sua vida: todo o porno que ele via lhe parecia uma merda, uma fraude grotesca; as gajas que abriam as pernas, os gajos que se metiam nelas, todos plásticos e mecânicos nos gestos, uma decepção da treta e sem sentido. Aquela morena de cabelo curto, por exemplo, a que durante meses despertou em Franco um ardor próximo da idolatria devido à sua presumível predileção por adolescentes virgens, agora parecia-lhe uma vadia qualquer tirada de um antro de drogados, demasiado nova para representar uma desmama-crianças convincente, completamente desprovida do garbo e da classe que a senhora Marián tinha de sobra até quando levava a cabo as atividades mais simples: bastava vê-la inclinada sobre o balcão da cozinha enquanto falava com alguma amiga ao telemóvel, a segurar um cigarro entre os seus dedos estendidos, a acariciar com o dorso do seu pé descalço a outra barriga da perna bem torneada. Não tinha nada que ver com as farsantes que até então Franco tinha desejado com paixão e loucura pubescente; como aquela outra, a primeira de uma longa lista de atrizes porno que tinham obcecado o gordo desde que aos onze anos os seus avós instalaram a Internet em casa: a loura madurinha de olhos celestes que guinchava e se ria, com as suas grandes mamas rosadas a balançar no ar, enquanto uma data de malandros investia contra ela simultaneamente. Quantas punhetas maníacas é que Franco não teria batido à conta dessa galdéria, a mesma que agora, quando ele voltava a esses mesmos vídeos, os mais antigos do histórico do seu computador, lhe parecia uma bruxa magra, assustadora e repelente, com os dentes lascados e a pele desmaiada, sulcada de veias verdes como uma osga! Não tinha nada que ver

com a tez dourada da senhora Marián a apanhar sol de barriga para baixo junto da piscina, com as alças da parte de cima do biquíni desatadas para não deixar marcas sobre as suas costas divinais, e aquele rabo suculento, gloriosamente colocado à altura dos olhos de Franco, tão real e tão próximo que teria bastado nadar até à beira da piscina e estender a mão para fora da água, para comprovar a sua suavidade de pêssego maduro: o rabo perfeito que reduzia a nada os outros rabos do mundo, e que um dia, sabe-se lá como, ou quando, ou em que circunstâncias, seria seu, só seu para lhe pôr as mãos em cima e apertá-lo e mordê-lo e passar-lhe a língua e atravessá-lo sem piedade até a fazer chorar de prazer e de assombro, repetindo o seu nome, «Franco», com o caralho bem metido até ao fundo, «Franco», suplicando que lhe desse com mais força, «Franco, mais força, papacito», até a fazer vir em múltiplos orgasmos e jorrar sobre ela o sémen quente para depois voltar a enfiar-lho, toda a noite sem pausa na sua mente retorcida, e também todo o dia, se fosse possível, quando os avós saíam para o clube aos fins de semana e o gordo podia fechar-se no quarto sem ninguém a chateá-lo, a olhar para a sua pornografia com auriculares e a editar mentalmente os manuseados vídeos com cenas da sua própria lavra, sobrepondo o rosto da senhora Marián aos traços vulgares das *strippers*, com a verga tesa na mão, as calças enroladas nos tornozelos, sussurrando várias vezes o seu nome, invocando-a com as virilhas e as pálpebras fechadas e os dentes a ranger, atravessando a distância que os separava como um fantasma que de repente se desprendia do imenso volume de carne que jazia em cima da cama, e voava, sem gravidade, atravessando a janela do seu quarto e as paredes da casa mais próxima, procurando-a por todo o lado até

a encontrar, sentada na sala na companhia do marido e dos filhos: ele numa ponta do sofá e ela do outro lado, com os dois putos no meio, recostados entre as almofadas, a cabeça do mais pequeno apoiada numa das deliciosas mamas da senhora, meio destapada da sua camisa leve de dormir, os lábios do miúdo sonolento muito perto do mamilo escuro que se deixa entrever sob o tecido, um botão de carne suave que endurece quando Franco lhe toca com os seus dedos invisíveis, timidamente a princípio, de forma mais rude ao ouvi-la suspirar e remexer-se no seu assento, excitada com aquele manusear, com as cócegas que subitamente se tornam mais bruscas, mais húmidas, uma boca ectoplásmica que chupa e morde com avidez e que acaba por a fazer soltar um gemido involuntário. O que é que se estava a passar?, perguntar-se-ia ela. Porque é que de repente tinha a vulva encharcada? Porque é que o seu peito palpitava com um prazer desconhecido, se ela estava só sentada na sala da sua casa, a ver um concurso televisivo com o marido e os filhos? E que raio era aquela força impaciente que a forçava a separar as coxas, que a penetrava com deliciosa violência e a fazia contorcer-se e retorcer-se e por fim explodir num clímax estrangulado, diante dos rostos preocupados e boquiabertos dos membros da sua família? A verga de Franco palpitava e da ponta brotava uma tira de leite que se enredava entre os seus dedos adormecidos, dedos que de repente já não eram a cona apertada da senhora Marián ou o seu cu franzido mas só os seus dedos de gordo, sujos de gordura e de queijo em pó; dedos impacientes que eventualmente dali a pouco voltariam a trepar pelas suas virilhas e recomeçariam a esfrega compulsiva, desta vez a imaginar que se encontrava a sós na presença da senhora, no quarto

**Livro nomeado para o International Booker Prize
e finalista do International Dublin Literary Award
e do Los Angeles Times Book Prize for Fiction**

Polo, um adolescente nascido no meio da pobreza e da violência, vê-se obrigado a servir os ricos e a ser explorado pelo seu odioso patrão como jardineiro num condomínio de luxo chamado *Paradise* — pronuncie-se *Paradise*, situado na margem oposta do rio que divide a localidade mexicana de Progreso, onde vive. Aí conhece o obeso e solitário Franco, filho de um advogado influente, com quem estabelece uma amizade momentânea, regada a álcool, cigarros, baboseiras e fantasias. Viciado em pornografia, Franco alimenta uma obsessão por uma vizinha, a atraente senhora Marián, casada com uma celebridade da televisão. Num dos seus encontros junto ao cais, longe dos olhares dos guardas e dos residentes do condomínio, Franco e Polo engendram um plano macabro para finalmente obter, sem olhar a meios, o que julgam merecer.

Descrito pela crítica como uma descida ao Inferno, *Paradise*, a mais recente obra da autora de *Temporada de Furacões*, é um romance de leitura contagiante, escrito numa prosa certa, sobre uma sociedade fraturada pela raça, a classe e a misoginia, à mercê da banalidade da violência e da complexidade do mal.

**«Um romance extraordinário que constitui
uma obra-prima contemporânea.»**

Times Literary Supplement

**«O movimento do obsceno para a metáfora, a rutura entre ver e ver,
e a violência quotidiana são a clareira onde *Paradise* reside.**

Uma clareira bela e terrível.»

Los Angeles Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[@ penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897876639



9 789897 876639 >